

O CONFLITO COMO INSTRUMENTO PARA PAZ

CONFLICT AS AN INSTRUMENT FOR PEACE

Vergilio E. Floriani Jr.¹

A cultura da paz não prescreve a ausência do conflito. Os conflitos são e seguirão sendo a força propulsora da evolução. Uma visão monista da oposição demonstra que os polos unidos em um corpo formam um sistema estável e autopoietico que busca naturalmente sua homeostase. Os conflitos são degenerativos ou generativos. Se tomarmos a relação conflituosa como o objeto da mediação, daremos ênfase a uma solução primária das oposições. Tomar o indivíduo como matéria prima de uma mudança, gera a possibilidade de uma crise ser produtiva e a solução ser profunda. O produto de uma disputa generativa são indivíduos fortalecidos, uma transformação da relação conflituosa e a construção da paz.

Palavras-chave: Conflito. Cultura da Paz. Mediação. Transformação.

The culture of peace does not prescribe the absence of conflict. Conflicts are and will continue to be the driving force of evolution. A monist view of opposition demonstrates that poles united in a body form a stable and autopoietic system that naturally seeks its homeostasis. Conflicts can be degenerative or generative. If we take conflict as the object of mediation, we will emphasize a primary solution of opposition. Taking the individual as the raw material of a change, generates the possibility of a conflict being productive and the solution being profound. The product of a generative conflict is strengthened individuals, a transformation of the conflicting relationship itself and the construction of peace.

Keywords: Conflict. Culture of Peace. Mediation. Transformation.

¹ Mediador – IMAB 1998 e ESA-PR 2020, Especialista em Direito Empresarial PUC-PR, Advogado. E-mail: vergilio@docv.com.br

Ao olharmos para uma cultura de paz somos provocados a responder se paz é a ausência de conflito.

A discórdia faz parte da natureza e nós, humanos, estamos sujeitos a esta mesma ordem natural.

Os conflitos foram e seguirão sendo a força propulsora da evolução eussocial (WILSON, 2013), que nos tornaram o que somos e nos tornarão o que viermos a ser.

Na visão elicitiva o conflito é essencial à vida, um sistema produtivo de mudança e evolução.

Contudo, com frequência as crises que chegam à mediação lidam com uma força competitiva e destrutiva, em que o sistema busca solução por sua desintegração e pela perda de algo.

Ali a desavença é a própria expressão da limitação ou do excesso de capacidade do indivíduo ou do grupo, o que aporta à relação dissonâncias e impasses que perpetuam a oposição.

Como limitação, tomamos que a oposição conflituosa é, em sua essência, a manifestação de uma inquietação, de um transtorno (unsettlement) e de uma deficiência de recursos biopsicossociais que limitam ou incapacitam a resposta do indivíduo ou de seu grupo à problemática apresentada.

Como excesso, tomamos que a oposição conflituosa é, essencialmente, o exercício abusivo da forma, da força, das capacidades e potências, de um indivíduo ou de seu grupo, a fim de conduzir a resposta à problemática em seu favor.

Patologias, transtornos mentais, traumas, engramas, memórias culturais e memórias epigenéticas e uma complexidades de fatores sociais, políticos, ambientais e energéticos, podem informar as limitações e excessos, ditando a compatibilidade do indivíduo para se vincular em uma relação colidente, ainda que sem consciência plena do fato.

A crise, a partir dessas relações de autonomia e capacidade reduzida ou abusiva, tende a se estabelecer em canais que reforçam a ideia de oposição, dando ao fenômeno da polaridade um senso de separação que impede a conciliação e produção, sugerindo que o desfecho deva ser a aniquilação ou subjugação do que não representa a solução proposta por um dos lados.

Esse aspecto cíclico e de retroalimentação de uma relação conflituosa é bem descrito por SUARES, (1996):

O conflito é conduzido pelas partes a partir das interações geradas entre eles, o que leva muitas vezes a aumentar o conflito, sentindo-se as partes "aprisionadas" pelas próprias interações que elas geram. A crua lei de Deutsch sobre as relações sociais, diz:

'que as características do processo e os efeitos produzidos por um tipo dado de relação social, também tende a produzir este tipo de relação social'.
(SUARES, 1996, p.75-76)

Este mecanismo de looping enfraquece e desacredita as partes que, em fadiga e sem recursos em seu repertório de experiências, assumem que a solução última será uma espécie de poison pill ou aniquilação, em que, seja

pelo martírio de si mesmo (perda) ou pela eliminação do outro (vitória), a discórdia deverá se encerrar.

São soluções, que podem ser degenerativas ou não, mas que com muita frequência propõe dissolver as relações, ampliando as chances de tornar o objeto da 'vitória' amargo para os envolvidos, fazendo persistir o sentimento de frustração, inquietação e sofrimento.

A ordem da vida não faz juízo de valor sobre o resultado de uma crise relacional, porém, podemos assumir que os sistemas autopoieticos (MATURANA e VARELA, 2003, p. 68) sempre tendem, em sua autorregulação, a um equilíbrio e, portanto, movem-se para uma homeostase dinâmica (DIETRICH, 2014), apesar do desfecho poder significar perdas ao próprio sistema.

Isso seria o suficiente para aceitar que todos os resultados decorrentes de uma disputa servem e devem ser reconhecidos como legítimos.

Contudo, caminhando em direção a uma cultura de paz, o que se deseja é que as desavenças possam ser uma oportunidade integrativa para os indivíduos envolvidos, os fortalecendo perante a vida e os emancipando para tomada de decisões construtivas e generativas.

Espera-se, nesse caminho, que o indivíduo adquira experiência para colocar o seu sistema, como um todo, em posição de maior autonomia e autorregulação, permitindo a aquisição de competências e capacidades para a sobrevivência e progresso, com ganhos de respeito à si mesmo, à alteridade e à diversidade, o que chamo de emancipação.

Assim, ao eleger um caminhar que possa transformar os indivíduos e seus sistemas de modo construtivo, o que se quer é o aprimoramento das relações e a felicidade, significativamente: o alcance da paz.

A mediação trata de ser o catalizador de uma possível transformação em direção à essa paz: em que o destrutivo se torna produtivo, em que com integração do indivíduo, todo o sistema venha a evoluir.

"Uma estrutura transformativa salienta o desafio de como colocar fim a alguma coisa que não se deseja e como construir algo desejado". (LEDERACH, 2012, p.54).

O indivíduo é a matéria-prima da solução para esta dimensão do mediar, vez que, por ser partícula elementar do sistema em crise, é nele que vive a potência da mudança.

E, aqui, a percepção e acolhimento das verdades e fenômenos trazidos pelas partes, se torna instrumento de tomada de consciência e transformação individual e coletiva. Por isso, o refinamento da percepção do mediador deve ser suficiente para reconhecer as limitações e excessos de cada agente de forma a incluí-los no processo dialógico dos envolvidos, permitindo que eles mesmos tomem consciência de serem capazes de mudar os padrões de relação.

Com este olhar integrativo, passamos a compreender os polos como aspectos de um sistema total, sem separação, ampliando o campo de solução para entender como os envolvidos podem colaborar para a criação de uma nova saída.

As relações conflituosas deveriam, assim, ser tomadas como unidades monistas em que os polos não existem em oposição, mas em integração. Olhando desse modo as relações (ressonantes ou dissonantes) formam unidades sistêmicas de polos integrados como: vítima-

agressor; devedor-credor; pai-filho; mãe-filho; grupo-indivíduo; invasor-invadido; autor-usurpador e assim por diante.

Metaforicamente, tal como um íman que quando partido conserva suas propriedades e manifesta suas polaridades nos novos corpos separados, um conflito que se resolve sem transformar a relação e, em certa medida, as pessoas que o ensejaram, tende a se perpetuar e multiplicar-se.

É por esse caminho que o processo de mediação se afasta de olhar a desavença objetiva (as posições e os interesses) para olhar os indivíduos, suas limitações e excessos, como motores de uma crise.

Por isso, quando a mediação já alcança essa meta mínima de colocar os indivíduos ao centro, como participantes de um sistema uno que não encontrou recursos para aprimorar a relação, novas possibilidades se abrem para a solução.

Quando os opostos são percebidos como um, a discórdia se funde em concórdia, as batalhas tornam-se danças e os antigos inimigos tornam-se amantes.

Estaremos, então, em posição de fazer amizade com todo o nosso universo, não apenas com uma metade dele. (WILBER, 2011, p. 29)

Assim, concluo que a mediação é um campo de segurança e validação, em que os envolvidos devem se fortalecer em um processo de descoberta e cocriação, construindo novas vias de comunicação e solução, de modo mais eficiente e generativo, podendo apropriar-se de um novo fazer e de uma nova capacidade que os emancipe das limitações ou excessos experimentados anteriormente.

Para isso, o mediador deve assumir sua função de parte-catalizadora e oferecer aos envolvidos sendo ajuda em uma jornada de autodescoberta de suas potencialidades, favorecendo um olhar holístico e consciente, que permita validar cada indivíduo do sistema para que encontre os novos elementos para construção de soluções para o objeto do conflito, mas sobretudo para a transformação de si mesmos.

Feito isso, os conflitos passam a ser instrumentos para a construção da paz.

REFERÊNCIAS

1. Wilson EO. A conquista social da Terra. São Paulo (SP): Companhia das Letras; 2013.
2. Suares M. Mediación. Conducción de disputas, comunicación y técnicas. Buenos Aires (AR): Paidós; 1996.
3. R. Maturana H., Varela F. De máquinas y seres vivos: Autopoiesis: La organización de lo vivo. Buenos Aires (AR): Lumen; 2003.
4. Dietrich W. (2014). "A Brief Introduction to Transrational Peace Research and Elicitive Conflict Transformation" [online article]. Journal of Conflictology. Vol. 5, Iss. 2, pp. 48-57. Campus for Peace, UOC. [acesso em 25/09/2020]. Disponível em <http://www.uoc.edu/ojs/index.php/journal-of-conflictology/article/view/vol5iss2-dietrich/vol5iss2-dietrich-en> DOI: <http://dx.doi.org/10.7238/joc.v5i2.1940> ISSN 2013-8857
5. Lederach JP. Transformação de Conflitos. São Paulo (SP): Palas Athena; 2012.

6. Wilber K. No boundary: Eastern and western approaches to personal growth. Boston (US): Shambala; 2011.